

Os portugueses voltam, depois de 475 anos

RENÉE CASTELO BRANCO

Aristocratas bem-humorados e excelentemente vestidos, de grande charme pessoal e considerável soma de dinheiro a disposição; famílias fugitivas chefiadas por homens fortes e rudes, sem muita instrução e sem qualquer dinheiro — é a nova onda migratória, que atinge as cidades do Brasil.

São os portugueses de duas categorias radicalmente diferentes, que estão chegando 475 anos depois do descobrimento do Brasil. De Lisboa e das províncias de Portugal, chegam os donos de terras, os empresários e os técnicos de alto nível, gente refinada e capaz de incorporar-se logo na classe média brasileira de São Paulo e Guanabara. De Angola e de Moçambique, chegam os portugueses da pequena classe média, comerciantes e lavradores, quase todos despojados de seus haveres pelos novos regimes que assumiram nas antigas colônias africanas.

Por enquanto, as autoridades brasileiras não estão em condições de fornecer nenhum dado oficial, mas um dos diretores do recém-criado Movimento de Apoio aos Emigrantes Portugueses (MAEP), que funciona na Avenida Ipiranga em S. Paulo, afirma que são cerca de 100 mil e que a fila de espera no aeroporto de Lisboa é de 400 pessoas por dia. Todas com destino ao Brasil.

Também desembarcam, de navio, em Santos e no Rio, os fugitivos de Angola e Moçambique.

O impacto dessa dupla onda migratória no mercado de trabalho em São Paulo poderá ser sentido logo, pois na área técnica as oportunidades de emprego não são tão abundantes quanto há dois anos.

OS FUGITIVOS

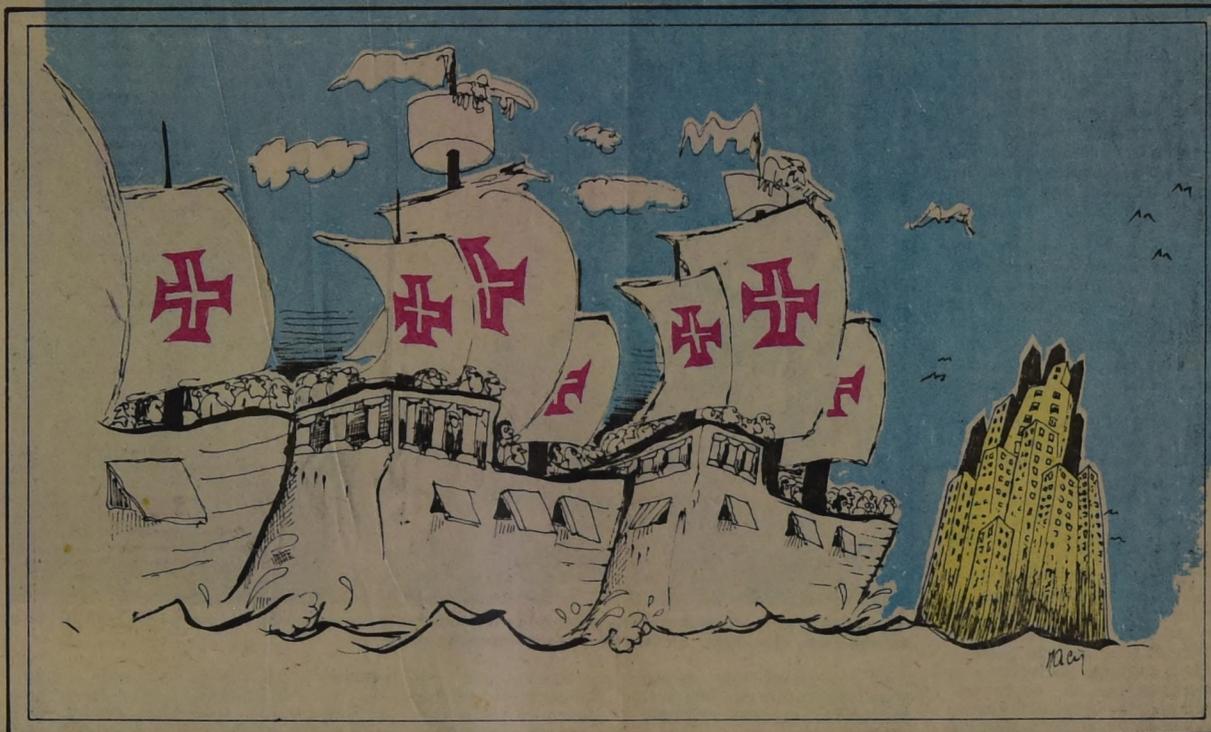
Apesar da escassez de dados oficiais, sabe-se que o movimento de migração para o Brasil de portugueses, angolanos e naturais de Moçambique está atingindo proporções significativas, pela constatação de que um grande número de estrangeiros estão requisitando empregos nos grandes centros urbanos do País.

São Paulo, segundo informações obtidas no recém-criado Movimento de Apoio aos Emigrantes Portugueses tem sido a cidade mais procurada, por sua conhecida situação de centro mais dinâmico da economia.

Há quem afirme que já esteja por volta dos 100 mil o contingente de portugueses do Continente e do Ultramar chegados nos últimos três meses.

Os imigrantes portugueses de Angola e Moçambique que tem chegado nas últimas semanas, fazem parte das camadas menos favorecidas da população branca desses países, geralmente pequenos proprietários, que tinham lotes de terra garantidos pelo antigo governo português a título de colonização. Estes saem fugidos, sem papéis que os possibilitem tirar documento de identificação de estrangeiros, e sem nenhum dinheiro no bolso.

Estas são certamente pessoas com baixa qualifica-



REDESCOBERTA. Há quem diga que mais de 100 mil portugueses do continente e das ex-colônias chegaram ao Brasil nos últimos três meses, em busca de trabalho.

ção profissional, que encontrarão dificuldade em empregar-se, pois as maiores cidades brasileiras já recebem constantemente grandes contingentes deste tipo de mão-de-obra, vindos do Interior e do Nordeste do nosso próprio País.

Apesar dessa dificuldade, sabe-se que o Movimento de Apoio, em S. Paulo, tem recebido ofertas de empresas construtoras, agências de emprego, e mesmo de particulares que na maioria dos casos, requisitam pessoal para trabalhar no setor de construção civil, imobiliário, ou mulheres para servirem como domésticas.

A acolhida dada em S. Paulo a esta mão-de-obra estrangeira pouco qualificada tem variado. Quase todos admitem a necessidade e o valor de dar-se apoio a pessoas que tiveram de fugir de seu país sem condições de sobrevivência. Mas alguns paulistas notam que a Capital já encontra dificuldades em dar moradia e emprego aos migrantes internos, e que os recém-chegados estrangeiros poderão tirar o emprego dos nacionais.

Mesmo entre a comunidade portuguesa daqui há opiniões discordantes. Um português mais radical chegou a afirmar que "se fosse o governo brasileiro não permitiria a entrada dessa gente".

OS EMPRESÁRIOS

Já os portugueses do continente que estão chegando, pertencem basicamente a dois grupos. Ou são grandes

empresários que conseguiram retirar boa parte de seu capital nos primeiros momentos da revolução e estão aplicando em outros países, como os Champalimaud e os Melo, que pretendem investir grandes somas no Brasil, ou são empresários empobrecidos, que por motivo de falência ou de nacionalização de suas empresas, vêm tentar nova vida nas grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife.

Diniz Fernandes, neto de uma das maiores fortunas de Portugal, dono de um grupo editorial em seu país, e homem de confiança do general Spínola, acha que a chegada dos portugueses não tem grande significado do ponto de vista do montante de capital a ser investido, mas sim pelos técnicos, pelo elemento humano qualificado que se integrará no mercado de trabalho brasileiro.

"No entanto, é cedo para avaliar o significado econômico deste fenômeno, pois não se sabe como evoluirá a situação política de Portugal. Pode ser que dentro de seis meses estejam voltando, como aconteceu no Chile, ainda é cedo para julgar", diz ele.

O fato é que se tem notícia de portugueses interessados em comprar grandes extensões de terra no Mato Grosso, de outros interessados em abrir uma cadeia de hotéis, ou uma fábrica de artigos de fibra de vidro, e de muitos voltados para a área de construção civil. Vários já adquiriram grandes residências o Jardim América, para aplicar o dinheiro trazido através de bancos suíços, americanos e até espanhóis para o Brasil.

Várias histórias de seu encontro com o novo mundo

Eis algumas histórias de imigrantes portugueses ouvidas em São Paulo nesta semana:

• Um fotógrafo e editor do "Evaristo", um jornalzinho cartunista, quase desconhecido em Portugal, chegou a São Paulo há cerca de dois meses. Mora em Pinheiros com mais 17 portugueses de sua idade e um tio mais velho, numa espécie de colônia.

Bonito e requintado, o aristocrático jovem português teve que deixar seu país porque seu jornal era considerado anti-revolucionário. Ele trabalha como corretor numa firma construtora, mas continua tentando emprego em jornais da cidade.

Sua vida não parece muito difícil. Almoça em bons restaurantes, passa fins de semana no Guarujá, embora considere muito caro, e reclama um pouco da burocracia brasileira, exceto o Touring Club, que lhe pareceu muito eficiente.

• Um senhor de cerca de 40 anos, casado, com filhos, veio ao Brasil pesquisar as possibilidades de empregar-se e ficar por aqui. Na "metrópole" trabalhava como economista técnico em pesca num departamento do Estado e segundo afirmou, foi o único técnico do antigo governo que não foi expurgado.

No entanto, este senhor, que obteve uma licença sem remuneração de seu emprego em Portugal até agosto, e que garante não ter absolutamente nada contra a revolução, está agora em São Paulo procurando montar um negócio próprio em sociedade com dois outros portugueses recém chegados, ambos engenheiros. Pretende trabalhar no ramo de hotéis, abrir uma firma construtora e uma de artigos de plástico. Está com bastante sorte, pois no primeiro mês ficou no Rio de Janeiro onde encontrou emprego mas resolveu não aceitar e ir para Porto Alegre. Lá empregou-se ganhando Cr\$ 10 mil mensais, o que é razoável para aquela cidade. Tornou a desistir e veio ter

com os irmãos em São Paulo, enquanto mulher e filhos continuam em Lisboa — as crianças na escola e a mulher trabalhando.

• Um negociante, que detinha o monopólio de exportação de cortiças em Portugal mudou-se com a família para São Paulo, onde mora no Jardim Europa. Associou-se a outro português que chegou no começo do ano, e montaram uma editora, que no próximo mês já deve lançar 12 livros com uma tiragem de 3 a 5 mil exemplares. Este senhor pretende comprar enormes quantidades de terra no Mato Grosso.

• Uma família saiu de Angola, com o correspondente a Cr\$ 17,00 no bolso. No porto foram confiscados seus últimos tostões. Chegaram a São Paulo sem nada, e estão inscritos no Maep à procura de emprego. O marido é motorista.

• Uma moça de 24 anos, filha de rica família portuguesa, teve que fugir de Lisboa quando recebeu um aviso de que seria perseguida junto com outros integrantes da diretoria do CDS — Centro Democrático Social. Esta moça pretendia candidatar-se a deputada por seu partido em coligação com o PDC.

Agora está em São Paulo, morando em Pinheiros, e trabalhando durante o dia inteiro no Maep, junto com seus primos. Pretende empregar-se dentro de algum tempo, porque no momento terá que fazer uma operação plástica pois, segundo afirmou, sofreu um acidente que "partiu-me a cara". Obviamente, será mais uma secretária trilingue, pois tem eficiência, boa aparência e domina línguas estrangeiras.

• Um jornalista de cerca de 38 anos, e era diretor de um dos dois grandes jornais de Moçambique. Já chegou há mais tempo, quase um ano, porque a elite branca de Angola e Moçambique saiu logo que a situação começou a esquentar.

Continua na página seguinte